

## A CONSTRUÇÃO DE UM EXPERIMENTO DE PROCESSAMENTO DE ORAÇÕES RELATIVAS EM ALEMÃO

JORGE JASON DE LA CRUZ RINCON<sup>1</sup>; BERNARDO K. LIMBERGER<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas – jason.dlcr@outlook.com

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas – limberger.bernardo@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

Uma das formas para retomar um constituinte anteriormente referido na sentença é o pronome relativo. Essa forma é comumente usada tanto na língua escrita quanto na falada, mas predomina na escrita. O pronome relativo, posto numa frase, dá origem à *oração relativa*. Essas orações contribuem para a não repetição de determinados termos, além de poderem reduzir em um único período todas as informações a serem ditas pelo interlocutor. A relativização é, então, uma boa maneira de transmitir informações sobre o referente na mesma sentença sem a necessidade de ter que começar outra.

Em português, a construção de uma oração relativa envolve, logo de saída, três aspectos relevantes: (a) a seleção do pronome; (b) o emprego de preposições nos casos em que elas são requeridas; (c) a marcação adicional de caso semântico (CAMACHO, 2014). Em alemão, acrescenta-se ainda o fato de o verbo ter que se localizar no fim da sentença (Figura 1); o qual determina o caso gramatical.

Figura 1: Exemplo de oração relativa em alemão<sup>1</sup>



Além de vincular duas orações, os elementos relacionadores, como o pronome *das* ou o pronome *que*, também desempenham papéis sintáticos na oração dependente, que seriam exercidos, por sua vez, pelo termo referente (DA SILVA, 2007). Sua função liga duas orações, sendo assim, parte da coesão textual. Além disso, precisa estar clara e coesa a mensagem desejada a transmitir, pois, às vezes, na escrita, surge ambiguidades com respeito à interpretação a que constituinte o pronome relativo é dirigido.

Então, o uso dessas orações precisa ser monitorado, pois o sentido e o uso correto das palavras são fundamentais para evitar ambiguidades ou falta de entendimento. Por isso, DE MATTOS et al. (2016) afirmam que o emprego apropriado das orações relativas revela um domínio sofisticado dos recursos disponíveis na língua, assim como proporciona ao falante a possibilidade de interagir com mais eficácia em situações as quais preveem um maior monitoramento na escrita e/ou na fala. Frases como “A senhora foi esfaqueada por um bandido que tinha dois filhotes de cachorro” precisam ser melhor formuladas porque transmitem uma mensagem com imprecisão da informação

<sup>1</sup> *Kongruenz in Numerus und Genus*: concordância em número e gênero / *Das Haus, an das sie gedacht hat*: A casa na qual ela pensou. / *Kasusreaktion (Akk)*: regência de caso (acusativo). Tradução nossa.

acerca de quem são os dois filhotes. Pode parecer um problema simples, mas é necessário evitar esse tipo de ambiguidades, a fim de transmitir com exatidão o sentido da frase.

Dessa forma, quando há duas interpretações possíveis numa sentença relativa ambígua, uma preferência de interpretação seria pela aposição mais local. Esse princípio foi denominado por Franzier (1979) de princípio da aposição local ou baixa. O constituinte mais próximo da oração relativa, que seria o segundo sintagma nominal (SN2) é a preferência de interpretação, resultando em uma economia no processamento. Por outro lado, o princípio da aposição alta é baseado na estrutura construída pelo processador sintático, ou seja, a análise preferencial é baseada na estrutura inicial, mais próxima ao sujeito (SN1).

Diante disso, o objetivo deste trabalho é construir um experimento sobre o processamento de orações relativas ambíguas em alemão. Por meio do experimento, visamos identificar a preferência de interpretação das sentenças ambíguas, a fim de estabelecer a preferência de aposição da relativa pelo SN1 ou pelo SN2. Esse experimento se faz válido para investigar o processamento de sentenças durante a aprendizagem de alemão, a fim de aperfeiçoar a prática de ensino dos aprendizes.

## 2. METODOLOGIA

O experimento a ser construído é a versão em alemão da Tarefa de resolução de ambiguidade (NUEVO, 2018). Nesse teste, os participantes são solicitados a ler atentamente cada uma das frases ambíguas que aparecem gradativamente na tela. Em seguida, eles serão solicitados a responder por uma das possibilidades de resposta de interpretação. Os participantes lerão na tela, por exemplo, a sentença *O policial / denunciou / o cúmplice (SN1) / do ladrão (SN2) / que fugiu rapidamente*. Logo em seguida, eles responderão a uma pergunta sobre a sentença lida, como, por exemplo: Quem fugiu? O cúmplice OU O ladrão. Assim, aos participantes serão solicitados a realizarem a leitura atenta de cada uma das frases ambíguas que compõem a tarefa, assegurando-se do entendimento do significado, para responder à pergunta.

Os estímulos que compõem o experimento serão orações relativas ambíguas de acordo com os critérios clássicos sugeridos pelo estudo nacional de FINGER e ZIMMER (2005) e estudos com falantes de holandês (MITCHELL; BRYSBART, 1998) e alemão (SCHIEFERS; FRIEDERICI; KÜHN, 1995). Para tanto, serão controlados o tipo e a extensão do sujeito, a extensão da oração relativa e o número de palavras. Depois de formuladas as sentenças e as perguntas, elas serão validadas por falantes de alemão como L1.

O experimento será programado no *software PsychoPy* (PEIRCE, 2009), que mensura as variáveis dependentes tempo de resposta (em milissegundos) e acurácia. Esse programa permite a construção de uma tarefa de leitura automonitorada, técnica muito utilizada na psicolinguística experimental, em que se segmenta, segundo LEITÃO (2008), a frase, e o participante lê cada segmento que aparece na tela de um computador, tendo, ele mesmo o controle sobre o tempo de leitura de cada segmento. O tempo de leitura indica a maneira como as demandas cognitivas relacionadas ao processamento da linguagem atuam durante a tarefa, uma vez que operações cognitivas mais complexas demandam mais tempo.

Depois de pronto o experimento, ele será conduzido em um estudo piloto com estudantes do curso de Letras alemão da UFPEL. A amostra-alvo do

experimento é composta por participantes aprendizes de alemão como língua adicional (L3 ou L4), falantes de português como L1 e com nível alto de proficiência em alemão (nível B1 a C1, de acordo com o Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas, CONSELHO DA EUROPA, 2005). Esse *background* linguístico será investigado por meio do questionário de histórico da linguagem para bilíngues (SCHOLL; FINGER, 2013).

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O processo de construção de um experimento não é uma tarefa simples. Os estímulos precisam ser bem controlados, para que tempos de processamento mais altos não tenham relação com estranhamento frente a sentenças incomuns ou inadequadas. Estamos no início desse processo; por isso, ainda não temos resultados. Esperamos aprimorar as sentenças produzidas inicialmente com o auxílio de falantes de alemão como L1 e, em seguida, com o estudo piloto.

Como hipóteses para os resultados do experimento, acreditamos que os falantes de alemão como L3/L4 processarão as sentenças de acordo com o princípio da aposição alta (FRANZIER, 1979), o que parece ser a tendência em línguas nas quais o verbo se localiza no fim da sentença (MITCHELL; BRYSSBAERT, 1998; SCHIEFERS; FRIEDERICI; KÜHN, 1995).

### 4. CONCLUSÕES

O processamento de sentenças relativas requer uma demanda cognitiva maior do que o processamento de sentenças composta por somente uma só oração. Para aprendizes de qualquer língua adicional, esse é um desafio nos níveis iniciais da aprendizagem. Então, a contribuição deste trabalho reside no fato de verificar possíveis estratégias de processamento de sentenças por aprendizes. Esperamos, com os resultados do experimento construído por esta pesquisa, oferecer subsídios para a didática de alemão como língua estrangeira (*Deutsch als Fremdsprache – DaF*) para falantes de português como L1.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMACHO, R. G. Construções relativas nas variedades do português: uma interpretação discursivo-funcional. **Filologia e Linguística Portuguesa**, v. 15, n. 1, p. 179-214, 2014.

CONSELHO DA EUROPA. **Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas**. Porto: Asa Editores, 2005.

DE MATTOS, P.; ALVES, O.; CARDOSO, P. E. Orações Relativas: Uma Reflexão Sobre o Uso Dessas Ferramentas no Ensino Médio. **RELACult-Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, v. 2, n. 1, p. 350-357, 2016.

DA SILVA, R. M. A **Gramática invisível**: o caso das orações relativas. Dissertação de Mestrado (Linguística, Português e Línguas Clássicas). Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade de Brasília, 2007.

FINGER, I.; ZIMMER, Márcia Cristina. A preferência de interpretação de orações relativas curtas e longas no português brasileiro. In: Marcus Maia; Ingrid Finger. (Org.). **Processamento da Linguagem**. Pelotas, RS: EDUCAT, 2005. p. 111-129.

FRANZIER, L. **On comprehending sentences**: Syntactic parsing strategies: Unpublished doctoral dissertation. University of Connecticut, 1979.

IDS. **Grammatisches Informationssystem „grammis“**. Mannheim: Institut für Deutsche Sprache, 2018. Disponível em: <http://grammis.ids-mannheim.de>. Acesso em 08 set. 2018.

LEITÃO, M. Psicolinguística Experimental: Focalizando o processamento da linguagem. In: Martelotta, M. (org.) **Manual de Lingüística**. São Paulo: Contexto, 2008.

MITCHELL, D. C.; BRYLSBAERT, M. Challenges to recent theories of cross-linguistic differences in parsing: Evidence from Dutch. In: D. Hillert (Ed.), **Sentence processing: A cross-linguistic perspective**. San Diego, CA: Academic Press, 1988.

NEUVO, G. N. **Efeitos da experiência multilíngue no processamento de orações relativas ambíguas em espanhol L3 e português L1**. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre, 2018. No prelo.

PEIRCE, J. W. Generating stimuli for neuroscience using PsychoPy. **Frontiers in Neuroinformatics**, v. 2, p. 1–10, 2009.

SCHIEFERS, H.; FRIEDERICI, A.; KÜHN, K. The processing of locally ambiguous relative clauses in German. **Journal of Memory and Language**, v. 34, p. 499-520, 1995.

SCHOLL, A. P.; FINGER, I. Elaboração de um questionário de histórico de linguagem para pesquisas com bilíngues. **Nonada Letras em Revista**, v. 2, n. 21, p. 1–17, 2013.